

PRIMEIRO PAINEL DO FÓRUM SEMEANDO LETRAS

Texto proferido na Assembleia Legislativa de Minas Gerais por ocasião da etapa final do fórum técnico sobre o Plano Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas em 22 de novembro de 2017

Por ANA ELISA RIBEIRO (CEFET-MG)

Bom dia, agradeço enfaticamente pelo convite para falar neste painel, o que me parece uma expectativa de confiança e mesmo de esperança no que tenho a dizer.

Estando de fato agradecida e honrada, quero começar afirmando algo que talvez retire um peso de nossos ombros, nossos, de nós, que temos nos preocupado com o livro, a leitura, a literatura, a formação de leitores, a formação de cidadãos que possam escolher, que possam compreender, que possam participar, dentro dos limites da civilidade e da boa argumentação. Nós, que temos feito da leitura um mote fundamental de nossas vidas profissionais e pessoais.

Bem, o que tenho a dizer é: não há fórmula mágica para construir o que desejamos. Se existisse fórmula mágica, em algum país deste planeta, ou talvez em outro mundo que pudéssemos descobrir, certamente já teríamos resolvido esta questão. Com tanta gente empenhada e competente disposta a enfrentar as questões do livro e da leitura, não posso crer que optássemos por adiar, atrasar ou mesmo evitar a formação de leitores e o dinamismo das redes do livro. Creio que se alguém soubesse a tal fórmula, em qualquer língua, não precisaríamos de tanto tempo, de tantas pessoas, de tantas reuniões para encontrar saídas... e chegadas.

Então parto do pressuposto de que estamos engajados em compreender melhor os fenômenos envolvidos na leitura, na formação de leitores, de público, de cidadãos. E que estamos dispostos a avançar. Há qualquer relação direta aqui estabelecida entre leitura e cidadania, não esqueçamos.

Em minha ainda breve vida de professora e escritora, tenho me deparado com cenas tão opostas quanto intrigantes e inspiradoras para pensar o nosso país, o nosso estado, a nossa cidade, a nossa rua. Para mencionar dois exemplos curiosos, que podem nos fazer pensar um pouco mais, cito:

- numa noite de sábado, em uma cidade do interior da Colômbia, nossa vizinha da América do Sul, longe de Bogotá, centenas de pessoas, famílias inteiras, gente de todas as idades, lotam uma praça, a céu aberto, para ouvir mulheres poetas de várias nacionalidades lerem poemas num palco, após 23 anos de insistência de uma mulher – professora – amante da literatura. (Uma entrevista com Lena García está no Suplemento Literário em circulação)
- numa noite de sábado, na região metropolitana de Paris, França, de onde vêm as melhores estatísticas sobre leitura e leitores, aquelas às quais costumamos nos comparar, meio covardemente, duas pessoas aparecem para assistir à leitura de poemas de poetas internacionais.

Em ambos os casos, os organizadores comentam, desolados, como é difícil mobilizar as pessoas para o livro, a leitura e a literatura. Em qualquer parte do mundo, então? Não estamos enfrentando situações inéditas. Estamos enfrentando a nossa situação.

O documento que aqui chega, configurado como está, traz os problemas que um conjunto de pessoas consegue enxergar em nosso contexto relacionado ao livro, à leitura, à literatura e às bibliotecas. Juntamente com os problemas, são vistas as oportunidades. Como sabemos, podemos enxergar um copo meio vazio ou meio cheio. Temos um país de analfabetos ou... muito trabalho pela frente, num país de muitos leitores (e escritores e editores...) potenciais. Parece-me que todos os envolvidos neste enfrentamento querem gastar suas energias pensando no copo meio vazio que pode se completar.

O documento apresenta objetivos diretos, fatorados em ações (às vezes uma, às vezes quatro, cinco), com respectivos prazos (às vezes imediatos, outras vezes largos, dentro dos dez anos propostos pelo Plano). Dez anos... trata-se então de um plano para a sociedade, e não para um governo.

Os pontos centrais do eixo que me coube – a democratização do acesso e a valorização do livro e da leitura – são, em primeiro lugar, as bibliotecas públicas, seguidas das escolares e das comunitárias. Proporcionalmente, a biblioteca ocupa a maior parte do Plano, neste eixo. Em seguida, mas também ligados às bibliotecas, estão o acervo e a acessibilidade.

Mais adiante, surgem as tecnologias digitais da informação e da comunicação na prática da leitura, também consideradas em bibliotecas, mas não apenas. Ler, hoje, é múltiplo, e o Plano não poderia ignorar o que as pessoas, em suas práticas cotidianas, têm feito com a leitura e seus equipamentos. Por mais que proponhamos planos que vêm de cima, de alguma maneira, as pessoas fazem como preferem.

Pois bem: Parece que aqui entendemos que democratização do livro e da leitura passa por bibliotecas.

Estão em articulação, no discurso do Plano, as bibliotecas e as escolas. Será impossível dissociá-las? O que há de diferente no acervo de uma biblioteca escolar e de uma pública? Esta me parece uma discussão relevante, nos dias que correm.

Há dois pontos mesclados neste eixo e que precisam ser ora distintos, ora não. Tratamos de leitura como um processo cognitivo, como uma competência, principalmente quando lembramos que a escola está ligada à alfabetização; e tratamos de leitura como prática social, letramento, fora da escola. De certa forma, há uma expectativa de que a escola promova esse caminho contínuo entre o aprender a ler, o ler para aprender e o ler independentemente das instituições. A formação de um leitor autônomo, com desejos próprios e velocidade de cruzeiro para ler, comprar ou tomar de empréstimo os livros, integrar a leitura em sua vida, de fato. Mas por que, em algum momento, a aeronave, em vez de planar, cai? Metáfora terrível, desculpem.

Também é preciso mudar de ângulo, várias vezes: tratamos da leitura de maneira um tanto prescritivista (o que deve ser lido) e também de maneira descritivista (o que as pessoas de fato leem e desejam ler). Tentaremos o equilíbrio?

Está explícita também a questão da mediação, já que ler não parece ser uma questão automática, para grande parte das pessoas. Segundo dados compilados de diversas fontes (Retratos da Leitura no Brasil, O livro em MG, etc.), as pessoas, quando leem, preferem ler em casa, de preferência obras que conseguiram de modos que não passam pelas bibliotecas.

A questão é: como tornar a biblioteca atrativa? E é claro que esta não é uma questão nova.

Os pesquisadores em Educação se questionam, há décadas: Como tornar a escola atrativa?

Estamos todos em busca de configurar espaços e tempos que possam atrair pessoas, para que se formem leitoras, letradas, habituadas, desejosas de livros. E o contrário: como levar a leitura às pessoas? Milton Nascimento sabia faz tempo: “Todo artista tem de ir aonde o povo está”. Como pensar isso para o livro e tudo o que junto dele orbita?

O escritor peruano Julio Ramón Ribeyro, em seu livro *Prosas apátridas* (Rocco, 2016, trad. Gustavo Pacheco), desincentiva a biblioteca pessoal e pergunta: “Um livro lido (...) já não está em nosso espírito, sem ocupar espaço? Para que conservá-lo então? E não são abundantes agora as bibliotecas públicas, nas quais podemos encontrar não só o que queremos, mas também mais do que queremos?” (p. 155). Pensando no Brasil, essa abundância é relativa... a outras épocas, mas também às nossas geografias extensas, aos circuitos onde circulam o dinheiro e as vontades em nosso país desigual.

Mais adiante ele diz: “E (...) há loucos que gostariam de ter todos os livros do mundo. Porque são preguiçosos demais para ir até as bibliotecas públicas” (p. 155) Preguiçosos? Como atrair os loucos e os preguiçosos de Julio RR?

É, certamente, esse elemento o propulsor do que se chama “cadeia do livro”, que não funciona a contento se não há quem consuma livros. O livro, além de ser um dos produtos com menor margem de lucro, se comparado a outros mercados, é um dos únicos cuja oferta precede a demanda. Isto é: mil livros são impressos sem a menor certeza de que mil leitores os consumam. Uma livraria expõe um livro sem saber se um dia ele será comprado, com isso... um autor escreve um texto e um editor publica um livro... sem saber se serão pagos.

Quem movimenta esta roda? Quantos desses personagens estão interessados na formação de leitores? Certamente todos. Mas que leitores?

Na Educação, o discurso é o de que se deseja um leitor competente, capaz da compreensão, da crítica, do comentário e da participação. Que outros discursos há? E que outros podemos desejar que se tornem ações?

O Estado apresenta um Plano que desenha um futuro possível. Para que esse desenho deixe de ser um esboço e se torne vívido e dinâmico, é preciso investir, é preciso recurso financeiro, é preciso valorizar cada etapa da cadeia, fomentá-la, incisivamente. Sem isso, morrerão livrarias (como já ocorre em nosso estado), minguarão bibliotecas, acervos se deteriorarão e desatualizarão, leitores serão ficção. É preciso inventar e executar o cenário *animado* que desejamos [no sentido de ânima, alma]: com a visão aguçada para as questões que precisam ser atacadas, mas não apenas. Também com soluções e ações, metas que possam ser medidas, mas não apenas a fim de entregar números ao gestor. Metas que possam entregar leitores à sociedade, à vida futura, à arena das conversações.

O plano precisa sair das cabeças para o papel; e do papel para as cabeças. De todos.

Quando mencionam a já desgastada palavra “democratização”... fazem logo lembrar que “demo” é “povo”. Como fazer que o livro (a leitura, as bibliotecas... a literatura) chegue ao povo? Ou o povo a esses elementos?

Como uma biblioteca poderia alcançar o cidadão, convidá-lo à leitura? Por que as pessoas não vão à biblioteca tomar livros de empréstimo? E se as livrarias quase não se sustentam, onde estão os consumidores? Se não emprestam nem compram... como esses leitores leem?

E queremos que leiam, que tomem nas mãos os livros (sejam eles impressos ou digitais, aspecto considerado no Plano, inclusive na indução explícita por meio de prêmios). Não basta ouvir histórias. É preciso dar um salto na direção do objeto, da leitura íntima, da leitura por si.

O Plano, tornando-se um guia efetivo de ações também efetivas, com o compromisso do Estado e a assertividade dos que atuam nessa rede sociotécnica que envolve a leitura (seu aspecto mais virtual), poderá dar cores ao futuro desenhado hoje.

“Era uma mulher pequena, mas de grande força, que fazia colchões e que, com esse trabalho, sustentou sua casa, seus filhos; gostava de contar histórias, e sei que lhe teria parecido um milagre que sua neta escrevesse um livro.” (p. 141 de *Por uma literatura sem adjetivos*, da argentina María Teresa Andruetto, publicado no Brasil pela Pulo do Gato, trad. Carmem Cacciacarro). É este um salto que queremos dar, quase milagrosamente, entre gerações. Muitos deram e muitos darão.

Andruetto aborda a escrita, o romance, mas diz algo que pode se aplicar a nós aqui: Particular, portanto privado e íntimo e, ao mesmo tempo, profundamente social”. Que cada leitor se forme, em particular, intimamente, para alcançarmos uma sociedade de leitores e cidadãos. Daí a necessidade de que tanto a casa quanto a escola, tanto a rua quanto o Estado e os equipamentos públicos, de acesso livre, atuem juntos nesta direção.

Para manter a metáfora botânica do nome deste fórum – semeando letras -, agora é trabalhar para que o Plano seja bem cultivado e vingue.

